

RESENDE, Viviane de Melo; REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva (Orgs.) **Outras perspectivas em análise de discurso crítica**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

Resenhado por Rosane Queiroz Galvão¹
(Universidade de Brasília – UnB)

Lançada em agosto de 2017, a obra *Outras Perspectivas em Análise de Discurso Crítica*, organizada por Viviane de Melo Resende e Jacqueline Fiuza da Silva Regis, pesquisadoras da Universidade de Brasília (UnB), já nasce como referência fundamental para as mais diversas versões da Análise de Discurso Crítica (ADC). Reúne investigadoras e investigador do Brasil, da Argentina e da Alemanha que compartilham interesse por temas sociais relacionados a grupos minoritários, violência, pobreza, Estado, mídia, mas oferecem perspectivas particulares, outras abordagens, novos aportes teóricos e metodológicos, uns inéditos, outros pouco conhecidos no Brasil.

Coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/UnB) e do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC/UnB), Viviane Resende é também Delegada no Brasil da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED) e membro da Rede Latino-Americana de Análise Crítica do Discurso e Pobreza (REDLAD). Vem edificando cabedal significativo de reflexões em ADC. Coordena, entre outros, projeto de pesquisa voltado ao decolonizar de estudos críticos de discurso. Jacqueline Regis, Doutora em Linguística pela UnB e *Doctor philosophiae* pela Friedrich-Schiller-Universität (FSU), de Jena, na Alemanha, é também ligada ao NELiS, ao LabEC e à ALED. Desenvolve estudos sobre antirracismo, direitos sexuais/reprodutivos, resistência e emancipação, decolonialidades.

É justamente no contexto de emergência dos estudos decoloniais na América Latina que se entrega a obra, cujo título, *Outras Perspectivas em Análise de Discurso Crítica*, coaduna-se com o intento, nela expresso, de “reunir outras perspectivas em análise de discurso crítica, deixando ecoarem outros modos de compreender e fazer pesquisas nesse campo”, ou seja, “abordagens não canônicas” (p. 8-10) no campo heterogêneo da ADC. Estas abordagens se apresentam em seis capítulos: três dedicados a teorias do discurso e métodos de análise

¹ Mestra em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL, da Universidade de Brasília (UnB); possui especialização em Português Jurídico pela Universidade Cândido Mendes (2011) e especialização em Língua Portuguesa pelo Centro Universitário de Brasília (2006); atua como Analista Legislativa da Câmara dos Deputados, desde 1996, onde exerce a função de Supervisora de Pronunciamentos; graduada em Direito pelo Centro Universitário de Brasília (1994), com especialização em Direito Civil, desenvolve pesquisas na área de Análise de Discurso Crítica, Teoria Semiótica Social da Multimodalidade, discurso político e mídias tradicionais e digitais. E-mails: galvao.rq@gmail.com; rosane.galvao@camara.leg.br

discursiva, alternados a outros três, que empregam tais teorias em análises de problemas sociais brasileiros.

O Capítulo 1, “Análise de Discurso Crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada”, segue a direção decolonial. E mostra, de fato, a obstinação de Resende na busca de precisão e refinamento da construção teórico-metodológica em ADC. Para tanto, a autora resgata suas próprias reflexões (RESENDE, 2013), mas retoma também as de Bhaskar (1998), Harvey (2006), Chouliaraki e Fairclough (1999), para fornecer a este modelo de pesquisa crítico-discursiva (o da Teoria Social do Discurso) um aporte próprio e original. Em revisita a esta teoria do discurso, elabora mapa ontológico (mais “complexo”, porém mais “claro”) do funcionamento social da linguagem, no qual posiciona, no estrato do potencial, estruturas e práticas sociais, e, no estrato do realizado, eventos materializados num dado tempo-espço.

Ao defender precisão conceitual de termos centrais em ADC, Resende recupera entendimento de van Leeuwen (2008) acerca da distinção entre elementos das práticas (abstrato/potência) e dos eventos (concreto/realização) e assevera: “*é preciso distinguir (...) ordens de discurso (com gêneros-suportes e discursos-estilos correspondentes) e textos realizando esse potencial*” (p. 30). Neste ponto, também, a reelaboração de pontos-chave da teoria faircloughiana, no mapa ontológico, é notável. Embora não focalize caminhos metodológicos, Resende compõe precioso mapa epistemológico (p. 41), “um conjunto de fases para um empreendimento de pesquisa”, visando ao norteamento das decisões de pesquisa.

No Capítulo 2, “(Con)textos de violação e resistência: um estudo em análise de discurso crítica sobre o caso Michele Maximino”, María del Pilar Tobar Acosta, em diálogo com “reflexões teóricas oferecidas pela vertente latino-americana de ADC” (p. 55), engendra análise primorosa por meio do enquadramento de dados de pesquisa aos mapas ontológicos e epistemológicos propostos por Resende no capítulo anterior (não obstante o enfoque metodológico assumido por Acosta), no estudo de discursos de embates discursivos entre violência/ violação e resistência/ solidariedade, notadamente em “eventos discursivos que marcam a materialidade da violência contra as mulheres” (p. 96). Analisa textos distribuídos em ambiente televisivo e virtual, e discorre sobre cultura (mudança/ transmissão/ tradição) e identidade, em “diálogo com perspectivas decoloniais das ciências sociais” (p. 60).

Margarete Jäger redige texto fluido e claro para o Capítulo 3 — “Quão crítica é a análise de discurso crítica?” —, no qual sintetiza os fundamentos teóricos da abordagem discursivo-teórica e analítica encetada por Siegfried Jäger, fundador do Instituto de Pesquisa Linguística e Social de Duisburg (DISS), em 1987, na Alemanha. Interessante vislumbrar que esse aporte

teórico (que privilegia amplos *corpora* de investigação) é inspirado na arqueologia do saber e na genealogia do poder, de Foucault (1979, 2013), as bases conceituais que também influenciaram Pêcheux e Fairclough, a exemplo das noções de formação discursiva (“o que deve/ pode ser dito”); sujeito social posicionado historicamente, constituído pelo discurso; dominação e poder, algo que opera através do discurso (FOUCAULT, 1978). Margarete Jäger discorre sobre categorias discursivas valiosas, centrais para a abordagem da Escola de Duisburg. Entre elas, o normalismo, que “torna possível o controle e a regulação dos dinâmicos processos sociais” (categoria nos remete à concepção crítica de ideologia), e o simbolismo coletivo, um “conjunto imagético de estereótipos coletivos culturalmente definidos” (p. 117). Jüger Link (1982, 2013) aprofunda o entendimento dessas categorias.

Nota-se diálogo teórico instigante, embora não explícito, entre as autoras — e não é de espantar, haja vista a retomada, nos capítulos teóricos da obra (Capítulos 1, 3 e 5) das fontes de que se valeu a ADC em seu momento constituinte, e das quais ainda se vale em sua reflexividade, reelaboração, expansão. Por exemplo, ao aduzir que “da utilização de símbolos coletivos (...) surgem efeitos constitutivos do sujeito” (p. 120), Margarete Jäger relaciona representação e identidade. E Resende grifa a “estreita relação entre identificação e representação” (p. 31), para reordenar, em seu mapa ontológico, os elementos constituintes da ordem do discurso faircloughiana, pareando, de um lado, discurso-estilo e, de outro, gênero-suporte.

Ainda sobre Jäger, a autora propõe passos metodológicos para desagregar os discursos, “uma multidão de enunciados e campos de enunciados” (p. 120), “um rio de saber” que corre pelo tempo e espaço (JÄGER, 2012, p. 26). Por fim, responde, em cinco teses, à pergunta provocativa sobre a criticidade em ADC, que intitula o capítulo e é o cerne da abordagem de Duisburg. Em síntese, avaliza desde o início da análise a postura crítica e problematizadora do/a investigador/a; aponta como relevante fator de criticidade em ADC a demonstração de limitação/ expansão do campo do dizível; entende que os discursos (“rios de saberes”) materializam-se (não exclusivamente) em texto e fala, que se compõem de palavras e frases, aos quais a crítica deve reportar-se; aduz que o simbolismo coletivo possibilita imagem geral da realidade social e da paisagem política da sociedade, a subsidiar significações, principalmente midiáticas; advoga que o discurso não deforma modos de ver a realidade ou contém necessariamente ideologias falsas, mas tem materialidade própria e se alimenta de discursos passados e atuais, e que o/a analista crítico/a pode e deve tomar posição, sempre apoiado/a no compromisso com “uma verdade subjetiva”, a que Foucault (1992) chama de “virtude”. Sobre este último ponto, entendemos que se deve atentar para o risco de o estudo do

discurso direcionar-se a uma problemática postura idealista, afastada a relação discurso/ prática social.

No Capítulo 4, “‘Você tem medo de quê?’: a denormalização do discurso sobre o medo do parto”, Jacqueline Fiuza da Silva Regis trilha os cinco passos metodológicos propostos pela Escola de Duisburg, na Alemanha (onde fez parte de seu doutorado, o que lhe permitiu convívio acadêmico com Margarete Jäger e Siegfried Jäger). A autora robustece o debate acerca de práticas discursivas de violência e resistência, em sua acurada análise sobre a “violência obstétrica institucionalizada e normalizada no Brasil” (p. 137). Entende redes de resistência como projeto identitário coletivo (do qual a autora assumidamente faz parte) com vistas ao deslocamento hegemônico. Com esteio transdisciplinar, também na ADC anglo-saxã, realiza cotejo profícuo de conceitos de uma e outra vertente.

María Laura Pardo, pesquisadora independente do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET), agência governamental argentina, e Presidente da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED), apresenta, no Capítulo 5 — “O método sincrônico-diacrônico para análise de textos e a teoria dos deslocamentos” —, MSDALT, síntese do método que elaborou e desenvolve na Faculdade de Filosofia e Letras, da Universidade de Buenos Aires, baseado em modo indutivo-qualitativo de investigação: inicia com a análise minuciosa de textos, em direção à construção teórica, levando em consideração “categorias que surgem do texto e não as que o/a investigador/a poderia sugerir aprioristicamente” (p. 185). Pardo conclama Strauss e Corbin (2002, p. 214) para elucidar o funcionamento do método como teoria básica ou fundamentada: “uma teoria derivada dos dados, organizados de modo sistemático e analisados por um processo de investigação”, em que “o pesquisador não inicia um projeto com uma teoria pré-concebida (...). Antes, começa com uma área de estudo e permite que a teoria emergja a partir dos dados”, o que suscita relação estreita entre dados, análise e teoria.

Entre os objetivos do MSDALT, o entendimento de fenômenos linguísticos como o alto grau de isomorfismo de textos escritos e orais; e das limitações gramaticais e semânticas manipuláveis pelo/a falante em um texto. No livro, Pardo amplia o entendimento de duas noções basilares do método (“rema do texto” e “nexo de valor”) e elucidada outras (que, assim notamos, ombreiam-se às da Linguística Sistêmico-Funcional): emissão (*utterance*), hierarquização da informação, tema/ rema textual, dinamismo comunicativo, foco. Apresenta, ainda, a teoria dos deslocamentos. O método preconiza a análise de categorias semântico-discursivas e gramaticais em cada emissão, que se realiza de forma linear (sincrônica) ou longitudinal (diacrônica) nos

quadros analíticos — daí o nome do método —, o que favorece o desvelamento de “significados e comportamentos” (p. 184).

No Capítulo 6, “Aplicando o método sincrônico-diacrônico de análise linguística de textos”, Gersiney Pablo Santos discorre sobre sua pesquisa de doutoramento, intitulada *A voz da situação de rua na agenda de mudança social no Brasil: um estudo discursivo crítico sobre o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR)*, que inaugura no Brasil a pesquisa fulcrada no método de Laura Pardo. Em sua tese, fala de uma “nova escola” da ADC na América Latina. O rebuscamento das análises que Santos empreende (recorrendo também à ADC faircloughiana), a inspeção detalhada e metódica da materialidade do texto, revela a sofisticação do método sincrônico-diacrônico.

Por fim, permitimo-nos fazer comentário inusual ou, pelo menos, “não canônico” em resenhas científicas: a vívida capa (recorte da obra *Inverno no Cerrado*, da artista plástica brasileira Dan Quínamo), e o *post scriptum* da apresentação do livro, que atrela a data do lançamento da obra ao mês de nascimento da filha da autora Jacqueline Regis: “*Em agosto de 2017, o mês em que Nina veio ao mundo*” (p. 10), são detalhes textuais comoventes, que parecem querer mitigar ou não preanunciar a densidade da obra. Trata-se de livro denso, sim, no sentido de ser consistente, profundo, rico, especialmente pelas relevantes e novéis contribuições teórico-metodológicas. Com efeito, provoca entusiasmo e inspiração em relação às possibilidades da ADC, que se difunde e consolida graças a obras edificantes como esta.

Recebido em: maio de 2018

Aprovado em: junho de 2018

galvao.rq@gmail.com

rosane.galvao@camara.leg.br

[DOI: 10.26512/les.v19i1.10865](https://doi.org/10.26512/les.v19i1.10865)

REFERÊNCIAS

BHASKAR, R. Societies. In: M. Archer et al. (Orgs.) **Critical realism**. Essential readings. London; New York: Routledge, 1998, pp. 206-57.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity**: Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: University Press, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Dispositive der Macht**. Berlin: Merve, 1978.

_____. **Was ist Kritik?** Berlin: Mervin, 1992.

_____. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 15. ed. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

JÄGER, S. **Kritische Diskursanalyse**. Eine Einführung. 6. vollständige überarbeitete Auflage, Münster: Unrast, 2012.

LINK, J. **Kollektivsymbolik und Mediendiskurse**, kultuRRevolution 1, 6-21, 1982.

_____. **Normale Krisen?** Normalismus un die Krise der Gegenwart. Konstanz: Universität Press, 2013.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Bases de la investigación cualitativa**. Técnicas y procedimientos para desarrollar la teoria fundamentada. Antioquia: Editorial Universidad de Antioquia, 2002.

VAN LEEUWEN, T. **Discourse and practice**. Oxford: Oxford University Press, 2008.